



PODER

Violência enfraquece democracia, diz Lula

Presidente considera que não há vitória política em episódios como o atentado que quase tirou a vida de Donald Trump

» HENRIQUE LESSA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva voltou, ontem, a condenar o atentado sofrido pelo ex-presidente e candidato à presidência dos Estados Unidos, Donald Trump, no último sábado. Ao ser indagado por jornalistas se o ataque a tiros favorece alguém politicamente, Lula frisou que a violência enfraquece a democracia.

“Não sei se vai fortalecer alguém. Isso empobrece a democracia. Ao invés de a gente ficar analisando se alguém ganha ou perde com isso, temos que ter certeza de que a democracia perde. (Perdem) os valores do diálogo, do argumento, de sentar-se a uma mesa da forma mais diplomática para encontrar soluções para os problemas”, enfatizou Lula, antes de receber o presidente italiano Sergio Mattarella para uma recepção, no Palácio do Itamaraty — sede do Ministério das Relações Exteriores (MRE).

Lula salientou que qualquer manifestação antidemocrática precisa ser fortemente repudiada, não importando se a origem do ataque vem de esquerdistas ou de direitistas. “A gente não pode ter dúvida de condenar qualquer manifestação antidemocrática, em qualquer lugar do mundo, seja pela direita, seja pela esquerda. Ninguém tem o direito de atirar em uma pessoa porque não concorda com ela politicamente”, afirmou.

Polarização

Atento à polarização que tomou conta das redes sociais desde o atentado contra Trump — com a esquerda e a direita se acusando mutuamente de estimularem episódios de intolerância política —, Lula enfatizou que a democracia não se constrói pela violência. “Se tudo vai ser na base da bordoadada, na base da violência, na base do muro, na base do tiro, na base da faca, para onde vai a democracia? E como sou um defensor da democracia, acho que temos que condenar”, salientou.

Assessores palacianos admitem que o atentado contra Trump em Butler, na Pensilvânia, deve ser capitalizado pela campanha e fortalecerá a

Antônio Cruz/Agência Brasil



Ao receber o presidente Sergio Mattarella, Lula evitou avaliar se a extrema direita brasileira pode tirar vantagem com o atentado contra Trump



Se tudo vai ser na base da bordoadada, na base da violência, na base do muro, na base do tiro, na base da faca, para onde vai a democracia? E como sou um defensor da democracia, acho que temos que condenar”

“Isso empobrece a democracia. Ao invés de a gente ficar analisando se alguém ganha ou perde com isso, temos que ter certeza de que a democracia perde. (Perdem) os valores do diálogo, do argumento”

Presidente Luiz Inácio Lula da Silva

Ataque a tiros mobiliza bolsonaristas nas redes

» LUANA PATRIOLINO

Integrantes do Palácio do Planalto trabalham com a certeza de que o atentado contra Donald Trump será explorado pela extrema direita brasileira, que desde sábado pega carona no episódio nas redes sociais. Não apenas porque interessa insistir no discurso de que os representantes “antissistema” são violentamente perseguidos — casos de Trump e Jair Bolsonaro —, mas, também, por conta do momento atual em que o clã do ex-presidente se vê na defensiva devido

à gravação feita pelo deputado federal e ex-diretor da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), Alexandre Ramagem (PL-RJ) — cujo áudio foi liberado ontem (leia mais na página 4).

O deputado Filipe Barros (PL-PR) comparou o ataque a Trump com a facada levada por Bolsonaro, em 2018, em Juiz de Fora (MG). “A violência não é uma instância política, e o ódio praticado pela extrema-esquerda não pode querer eliminar seus adversários”, afirmou.

“Os extremistas não somos nós! Bolsonaro tem razão mais

uma vez: os atentados são contra a direita”, reforçou a deputada federal Carol de Toni (PL-SC).

Para o senador Marcos Rogério (PL-RO), o atentado foi uma tentativa de calar os conservadores. “Demonstra mais uma tentativa de silenciar a direita. Hoje, com Donald Trump. Em 2018, com Jair Bolsonaro”, comparou.

A deputada Carla Zambelli (PL-SP) enfatizou a simbologia do gesto de Trump após o tiro. “Levantou-se e, ensanguentado, colocou o punho para o alto em sinal de força para seus

apoiadores”, publicou.

Já o vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ) preferiu criticar o ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski, sobre o perigo do armamento para cidadãos comuns, ao citar o caso de Trump. “Para a esquerda é assim: desde que estejam cercados de seguranças fortemente armados, desarmar os outros que retiram certidões e gastam muito dinheiro para possivelmente ter uma posse de arma de fogo a fim de se defender e à sua família”, atacou. (Com HL)

Embaixador retorna e dá panorama sobre Argentina

Jefferson Rudy/Agência Senado



Bitelli: “A preocupação é que isso não chegue a prejudicar a relação”

» HENRIQUE FREGONASSE*

O Ministério das Relações Exteriores (MRE) convocou, ontem, o embaixador do Brasil na Argentina, Julio Bitelli, para consultas sobre a nova situação na relação entre os dois países. Isso porque, desde a chegada de Javier Milei à Casa Rosada, houve um esfriamento no diálogo entre os governos que, a médio prazo, pode trazer prejuízos a uma longa relação diplomática e comercial.

“A ideia é conversar sobre temas da relação bilateral, como levar adiante da melhor maneira possível, com a atenção que merece ter. Relação dessa profundidade que a gente tem com a Argentina. Presidentes têm visões distintas. A preocupação é que isso não chegue a prejudicar a relação. O presidente Lula tem

claro que a relação entre os dois países tem que continuar densa e importante como ela é, independentemente de diferenças de prioridades e visões de mundo”, salientou o embaixador.

Há poucos dias, Milei fez dois gestos que incomodaram o MRE e o Palácio do Planalto. O primeiro foi a vinda informal ao Brasil para evento da Conferência de Ação Política Conservadora (CPAC) Brasil, evento da extrema direita realizado em 6 e 7 de julho, em Balneário Camboriú (SC) — no qual, inclusive, encontrou-se com o ex-presidente Jair Bolsonaro. O segundo foi a ausência na cúpula do Mercosul, no último dia 8, em Assunção — Lula disse, então, que era “uma bobagem imensa o presidente de um país importante” não participar do encontro e que era “triste para a Argentina”.

Simbolismo

Do ponto de vista da diplomacia, a convocação de um embaixador “para consultas” indica que há sérios problemas na interlocução entre os países. Bitelli é visto como uma espécie de “bombeiro” na relação entre Lula e Milei e promoveu a aproximação entre o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, e sua correlata argentina, Diana Mondino. Com bom trânsito entre as atuais autoridades da Casa Rosada, o embaixador articulou o encontro entre a chanceler e Lula, em Brasília, em 15 de abril passado.

Os dois presidentes jamais se encontraram e, apesar de os canais diplomáticos amenizarem, não há a mínima disposição de realizarem um encontro

bilateral. Em 26 de junho, Lula cobrou um pedido de desculpas de Milei e o acusou de falar “muita bobagem”. Dois dias depois, em entrevista à rádio *La Nación*, o argentino, por sua vez, respondeu subindo o tom.

“As coisas que eu disse são verdadeiras. Qual o problema de chamá-lo de corrupto? Por acaso não foi preso por corrupção?”, rebateu.

Bitelli reuniu-se com o chanceler Mauro Vieira e com Lula, após o almoço com o presidente italiano Sergio Mattarella. O embaixador encontra-se, hoje, com o vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin.

*Estagiário sob a supervisão de Fabio Grecchi